

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Cultura, Dr. Francisco José Viegas

Em representação do Presidente da Associação Nacional de Municípios, cumprimento a Exma. Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Maria da Luz Rosinha

Sr. Diretor Geral do Livro e das Bibliotecas, Dr. José Manuel Cortês

Sra. Presidente da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Dra. Maria Paula Santos

Caras e caros participantes do 13º Encontro da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas,

É com gosto que, em nome de Câmara Municipal e de todos os cascalenses, me dirijo a todos vós para vos endereçar uma calorosa saudação de boas vindas.

Para o povo de Cascais, para esta Vila, é uma grande satisfação poder acolher esta extraordinária mobilização de profissionais, de homens e de mulheres, que contribuem diariamente de forma decisiva para o acesso e difusão do conhecimento.

Que contribuem para a formação de cidadãos plenos.

Que, no fundo, ajudam a construir esse grande projeto de liberdade que é a vida em democracia

Permitam-me que vos diga que este encontro faz todo o sentido em Cascais. Diria mais: este encontro, este ano, só fazia sentido em Cascais.

Foi isso que o Sr. Secretário de Estado compreendeu quando, no passado mês de Dezembro no Museu da Música Portuguesa, e a propósito de uma outra cerimónia em que nos deu a honra da sua presença, eu o desafiei publicamente a escolher Cascais para o vosso 13º Encontro.

Quase sem pestanejar, o Sr. Secretário de Estado acedeu às nossas pretensões. E por isso, agradecemos-lhe a confiança que depositou em nós – e, a propósito, felicito os profissionais do departamento de cultura desta Câmara que têm sido incedíveis na organização de grandes eventos como este que aqui temos hoje.

Mas, Senhor Secretário de Estado, tenho a agradecer-lhe sobretudo o que esta escolha simboliza.

E na minha modesta opinião, a sua escolha, ratificada pela elevadíssima participação que aqui temos, mostra o papel central de Cascais no fino bordado de bibliotecas públicas portuguesas.

Uma rede de Bibliotecas que se estende do litoral ao interior do país, do norte ao sul, das grandes cidades aos pequenos lugares deste país.

É verdade que não fomos dos primeiros concelhos do país a conhecer as virtudes da

leitura pública. Reconhecemo-lo. Mas quando chegámos lá, quando investimos em bibliotecas, conseguimos caminhar sempre no sentido da excelência.

Hoje o quinto maior concelho do país em habitantes, Cascais tem uma rede de bibliotecas públicas em franco crescimento.

E estamos, aliás, a apostar cada vez mais no conceito de bibliotecas escolares e de ludotecas.

Por uma razão simples: porque apesar dos tablets, porque apesar dos e-books e dos audiobooks, em mais nenhum sítio a informação está organizada de forma sistemática e metódica como numa biblioteca ou num arquivo.

Porque apesar da internet, apesar da banda larga, apesar dos sites, em nenhum outro sítio a informação é tão verdadeira e radicalmente livre como numa biblioteca e num arquivo.

Isso explica que, já na era da internet, a Unesco tenha reforçado o papel das bibliotecas como pontos focais no acesso à informação e ao desenvolvimento das comunidades.

É isso que fazemos em Cascais e é esse o nosso projeto político: desenvolver comunidades felizes, livres de escolher o seu próprio destino.

É assim que entendemos as bibliotecas: como células comunitárias, como centros de restabelecimento de confiança entre cidadãos. Como polos difusores de conhecimento.

Temos orgulho na nossa obra e posso, perante vós, deixar um compromisso: o compromisso desta Câmara para com os valores da organização do conhecimento; do acesso à informação; da preservação da memória e da história coletiva.

É por isso que, dentro de pouco tempo vamos abrir a recuperada Biblioteca da Casa Horta e, mais, espero poder anunciar publicamente um investimento significativo no Concelho.

Um investimento que passa pelo estabelecimento de uma parceria com uma instituição universitária de prestígio que aqui irá radicar todo o seu arquivo.

Mas cada coisa a seu tempo e quando estiver concretizado, aqui estaremos para o anunciar.

Minhas senhoras e meus senhores,

Há pouco dizia que este encontro não fazia sentido noutra local.

E porquê? Porque esta é a Vila das bibliotecas impossíveis, das bibliotecas sonhadas, das bibliotecas tentadas, das bibliotecas vividas.

Que o digam Branquinho da Fonseca e Fernando Pessoa, ambos candidatos em simultâneo ao lugar de conservadores do Museu Biblioteca Condes de Castro Guimarães.

Sinal de como somos, desde sempre, exigentes na seleção do nosso pessoal para as bibliotecas e de como esse corpo tem uma qualidade acima da média, tanto Branquinho da Fonseca como Pessoa chumbaram à primeira tentativa.

A morte viria a trair hipotéticas tentativas de Pessoa. Já Branquinho da Fonseca conseguiu à segunda.

Por uma feliz coincidência, assinalamos, em 2012, os 70 anos da tomada de Branquinho da Fonseca como conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães.

Porque não há coincidências, inauguramos hoje a Exposição evocativa da efeméride: “Branquinho da Fonseca: um Escritor da Biblioteca” que todos podem já ter um primeiro sabor.

Para isso basta folhear o extraordinário catálogo da exposição onde o nosso conservador nos aparece aos olhos de José Régio.

Convido todos, se a dinâmica dos vossos trabalhos assim o permitir, a participar na inauguração desta exposição. Estou certo que, à medida que forem correndo a exposição, os vossos caminhos e as vossas histórias vão-se cruzar com as histórias e com os caminhos das bibliotecas itinerantes pensadas e concretizadas por Branquinho da Fonseca.

Penso que todos, os bibliotecários, em certa medida discípulos e herdeiros de Branquinho da Fonseca, mas também políticos e leitores, lhes devem essa homenagem.

Porque Branquinho da Fonseca não foi apenas o pai das bibliotecas itinerantes. Não foi apenas um grande contista e ficcionista. Não foi apenas um grande Cascalense de adoção.

Branquinho da Fonseca foi tudo isto e foi muito mais: foi talvez um dos maiores entre os maiores portugueses do século XX.

Tantas felizes coincidências fazem-me crer que todos os que aqui estão hoje terão um encontro igualmente produtivo, igualmente estimulante e igualmente feliz.

A todos deixo votos de bom trabalho e que encontrem em Cascais a atmosfera ideal para continuar a fazer da biblioteca aquilo que ela é: uma referência de serviço público, um símbolo de desejo, uma amiga de crescimento, uma contadora de histórias, uma amante de memórias. Uma âncora de liberdade.

Muito obrigado.